

«Ali a questom da língua básica do ensino tem uma importância decisiva porque pode decidir o futuro da naçom. Através da escola pode-se fazer que os filhos sejam extranhos ao país ao que pertencem os seus pais e a escola pode estar ao serviço da opressom nacional». Ludwig von Mises (1881–1973), filósofo e economista austríaco.

EDITORIAL

Os meios de comunicação, via necessária para umha língua culta

Há várias semanas, desde a própria direcçom da CRTVG punha-se em causa a capacitaçom lingüística de muitos profissionais

Resulta desnecessário assinalar a enorme relevância que os meios de comunicação tenhem na nossa sociedade. Através deles veiculam-se —de jeito mais ou menos directo— inúmeras normas, protótipos sociais, pautas de actuaçom, formas de pensar e de viver o mundo, etc.

Dentro desse amplíssimo leque está, como nom podia ser de outro jeito, o modelo de língua que queremos. Por desgraça, nos meios de comunicação da Galiza, a nossa língua ocupa um papel que somente se pode chamar de marginal. Umha presença que, quando nom é anedótica e subsidiada, costuma ser toda uma série de despropósitos e de atentados contra a integridade e dignidade do galego.

Espanhóis, alemães ou ingleses ficariam pampos se nas estações de rádio e televisão dos seus respectivos países a qualidade lingüística fosse tam pobre como esta que se vive no nosso país. Este facto é especialmente grave quando também acontece

nos meios de comunicação públicos, que a fim de contas som pagos com o dinheiro de todas e todos nós.

A cousa é assim tam grave, que mesmo há umhas poucas semanas desde a própria direcçom da Companhia de Rádio/Televisom da Galiza (CRTVG) reconheciam que a capacitaçom lingüística de muitos profissionais era deficiente, mas que estavam a pôr os seus esforços em corrigir a situaçom.

Será possível outorgar o benefício da dúvida para umha resposta assim? Bem é certo que a actual direcçom só leva dous anos, e que é mui pouco tempo para re-

verter umha situaçom de lustros.

Ao menos na Rádio já se começa a notar essa renovaçom, e cada se escutam mais vozes de profissionais com umha fonética autóctone, mas o léxico e a fraseologia continuam a ser deficientes. Com certeza, pode ser um sinal para a esperança, mas no caso da televisom o problema é de tal gravidade, que reclama soluções tam urgentes como radicais. /C

falar bem



AVANÇO

| INTERNACIONAL |

João Aveledo / O checo e o eslovaco formam um mesmo conjunto dialectal, pertencente ao grupo das línguas eslavas ocidentais, sobre o qual se constituíram, devido à diferente trajectória histórica seguida por estes povos, dous padrões normativos, com duas tradições literárias separadas.

Podemos falar, portanto, de co-dialectos com um alto grau de inteligibilidade mútua, embora existam pequenas diferenças, consequência, basicamente, da influência do alemão nas falas checas e a do húngaro nas eslovacas. / (... página 2)

| PORQUE SOU REINTEGRATA? |

José Ramom Pichel / Sou lusista porque o vírus me ficou colado ao corpo um dia, em que soube que a minha língua não vivia entre quatro paredes, chamadas províncias. Porque cheirei que a língua dos meus avós, tios, primos e pais, é a mesma que falam pretos de São Paulo de meu, mulheres executivas de fato em metro por Lisboa, comedores de francesinhas do Porto. / (... pág. 3)

FALAMOS DE...

- **CHECOSLOVACO**, o idioma que não pôde ser / 2

- **USO CORRECTO** dos pronomes 'te' e 'che' / 3

- **HUMOR** 'benigno' / 3

- **JOSÉ RAMOM PICHEL** explica porque é reintegracionista / 3

- **ENTREVISTA: Xurxo Souto**, chefe de Programas da Rádio Galega / 4

ACTUALIDADE LINGÜÍSTICA

► **21-11-2007** / BNG solicita ao Congresso espanhol a recepção das televisões portuguesas na Galiza.

► **25-11-2007** / Promovem de novo o Património Imaterial Galego-Português para reconhecimento internacional pela UNESCO. Colectivo *Ponte... nas Ondas!* reclama dos Governos de Portugal e da Espanha que apresentem de parceria a iniciativa.

► **26-11-2007** / A Mesa pola Normalización Lingüística lança o serviço «A Linha do Galego». Tramitará queixas, consultas e parabéns relativos aos direitos lingüísticos.

► **27-11-2007** / Publica-se o *Manual Galego de Língua e Estilo*. Pretende dar solução aos problemas e dúvidas das pessoas que usam o galego.

► **10-12-2007** / O Tribunal Superior de Justiça da Galiza ratifica a legalidade do decreto do galego no ensino. A totalitária *Asociación Gallega para la Libertad del Idioma* e um cidadão viguês apresentam recursos para suposta a protecção dos seus «direitos fundamentais» perante o Tribunal.

► **18-01-2008** / O Voluntariado pola Língua de 2008, já em andamento. Após o sucesso da experiência em 2007, já é possível aderir novamente a iniciativa no C. S. 'O Pichel', na Casa Encantada, no Henriqueta Outeiro, no local da Casa Latinoamericana e em Discos Gong. Toda a informação em <http://voluntariado.agal-gz.org>

ESQUISITICES



Se um menino é suspenso polo galego, logramos que lhe colha ódio».

«Usar o galego na Justiça, se nom se domina, pode resultar perigoso».
BENIGNO LÓPEZ, Valedor do Povo.
31/07/2007

«A Junta aplica umha política lingüística igual ao Franquismo, para impor umha só língua». ALBERTO NÚÑEZ, presidente do PPdeG. **12/01/2008**

INTERNACIONAL

O checoslovaco que não pôde ser

João Aveledo / (... página 1)

Os checos e os eslovacos separaram-se no s. X. Nessa altura, o território checo unificou-se no Reino da Boémia, enquanto a Eslováquia acabaria por se tornar parte da Hungria.

O primeiro intento de normativizar os dialectos checoslovacos foi feito pelo reformista protestante J. Huss (1369-1415), que se baseou apenas na variedade falada em Praga, principal centro político e cultural da nação. Huss converteria o checo na língua do rito protestante, então maioritário.

A fins do s. XVI, o Reino da Boémia integra-se no Império Austríaco. A dinastia dos Habsburgo imporá a

O checo e o eslovaco constituem exemplos de isolacionismo lingüístico bem sucedido, pois ambos alcançaram o objectivo da plena normalização

to central, escreve uma gramática e edita o primeiro jornal, o *Diário Nacional Eslovaco*. A cissão do checo e o eslovaco estava consumada.

O checo e o eslovaco constituem exemplos de isolacionismo lingüísti-



Territórios da Checoslováquia em 1928

Fonte: <http://pt.wikipedia.org>

Contra-reforma católica e, associada a ela, o alemão como língua de prestígio social.

A decadência do checo prolongaria-se durante os s. XVII e XVIII. Mesmo se chegou a dizer que era na Boémia onde se falava o melhor alemão. Mas em 1795, F. Pelcl publica uns *Fundamentos de Gramática Boémia*, alicerce, junto com os contributos de Dobrovský e Jungmann, da estandarização do checo moderno. Começava o seu ressurgimento.

Na Eslováquia, o padre A. Bernolák (1762-1813) tentou criar uma língua literária a partir do dialecto ocidental. Era a reacção católica frente ao protestantismo hussita que ainda empregava o checo na liturgia. Bernolák fracassou, mas depois L. Štur (1815-1856), baseando-se no dialecto

co bem sucedido, pois ambos alcançaram o objectivo da plena normalização. Contudo, reparemos no feito de que só atingem um status de normalidade quando, após a derrota do Império Austro-Húngaro na I Guerra Mundial, é criada a Checoslováquia, uma república federal na que convivem em pé de igualdade, conforme ao estabelecido na Constituição de 1920 e nos Acordos de Košice de 1945. Logo, a queda do Muro de Berlim possibilitaria que a Eslováquia proclamara pacificamente, em 1993, a sua independência... Quer dizer, que nem todos os isolacionismos são iguais!!!

Ah! E da limpeza étnica, em 1946, dos mais de 3 milhões de germanófonos dos Sudetos, dos que 241.000 foram massacrados, melhor nem falar. /C

HUMOR

O Valedor do Povo



Benigno



Maligno

APONTAMENTOS LINGÜÍSTICOS

Os pronomes *te* e *che*

E. S. M. / Ao lado da colocação dos pronomes em relação ao verbo, existe em galego um fenómeno mui emblemático para os falantes nativos do idioma que coloca algumas dificuldades para as pessoas neofalantes. Estamos a falar da distinção entre *che* e *te*.

Esta diferenciação é desconhecida nos outros padrões da nossa língua no mundo e na própria Galiza existem zonas em que fica anulada quer a favor de *che* quer a favor de *te* (som as conhecidas como zonas *cheistas* ou *teistas*).

No entanto, no galego comum, o normal será distinguir o complemento indirecto (*che*) do complemento directo (*te*):

Vim-**te** pola rua.

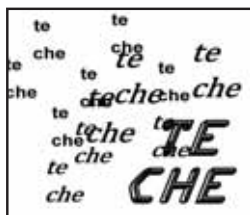
Vim-**che** o carro, mas tu nom estavas dentro.

No primeiro caso, *te* substitui um complemento directo (*a ti*) e de facto o pronome é fácil de substituir por outros pronomes de complemento directo mais fáceis de indentificar (*a/o/as/os*):

Vim-**na** pola rua. ([n]a: a ela)

No segundo caso, *che* substitui um

complemento indirecto (*a ti*), porque o complemento directo é, neste caso, *o carro*. Também aqui podemos fazer umha comparação substituindo *che* por outro pronome de complemento indirecto mais fácil de usar (*lhe*).



Vim-**lhe** o carro, mas ela nom estava.

A substituição errada dos pronomes daria os seguintes resultados, mal soantes para qualquer falante:

⊗ Vim-**lhe** pola rua.

⊗ Vim-**na** o carro, mas ela nom estava.

De qualquer modo, há verbos que, por influência do espanhol, som construídos com CI incorrectamente, e convém consultar gramáticas ou livros de estilo para evitá-lo:

☺ Aconselhárom-**te** ir à escola.

☺ Aconselhárom-**che** ir à escola.

/C

PORQUÊ SOU REINTEGRATA?

== | JOSÉ RAMOM PICHEL | ==

(... pág. 1) Sou lusista pelas viagens do adiantado Paulo Lamas, começos dos 90, baixava ao Porto de alfândega, guardinha, e que levava na bagageira, e trazia bombas culturais para a retaguarda. Sou lusista por esses debates filológicos com o futuro Valentim Fagim na Travessa de Vigo. Sou lusista por diálogos de café com a Luz Castro sobre se o galego e o português são, então. Sou lusista porque falei sem preconceitos com portugueses e brasileiros. Sou lusista, *why not?* Porque devoerei também toalhas rodrigues lapa, toalhas jornais, também aquele dicionário chamado Michaelis. Sou lusista porque meu pai percebia todas as palavras daquele dicionário, esses “cabeçalhos” e “grades” que a variante brasileira reutilizava para a tecnologia.

Mas sobretudo virei para o oceano do lusismo porque vi exactamente isso, um barco a motor para navegar com esta variedade da língua, fugir de vez da lagoa de sal isolada em que habitamos, onde nos dizem que boiar um barquinho de papel é vitória, sem mar nenhum por diante. Sou lusista porque um dia descobri que o era, e já não houve remédio para a doença. / C

O VERSO

XURXO SOUTO, CHEFE DE PROGRAMAS DA RÁDIO GALEGA

«Cumpro ser mui generoso para ser reintegracionista»

Xurxo Manuel Souto Eiroa (Corunha, 1966), é um homem de umha trajectória vital mui diversa. A começos da década de 90, à frente do grupo Os Diplomáticos de Montealto, contribuiu ao sucesso do que se deu em chamar rock bravu e à socialização do rock em galego entre os mais jovens... e entre os nom tam jovens também.

Contrariamente ao que poda parecer, a música nom o é todo para este corunhês licenciado em filologia clássica, mas decerto que é umha parte imprescindível do seu ser juntamente com o nosso idioma. Nom fôrom infreqüentes

as suas colaborações no audiovisual, com papéis em séries como a sucedida Marés Vivas.

Outra faceta sua menos divulgada é a de escritor, com cinco livros publicados entre 1995 e 2005

Na actualidade é o chefe do departamento de Programas da Rádio Galega, estaçom na que também conduz todas as tardes —de 16 a 17 horas— o programa musical Aberto por Reformas. Ainda, incombustível, pom voz e acordeom na banda Os Tres Trebóns.

Constantinopla — O que é para ti a língua galega? Como condiciona o idioma a tua forma de ser?

Xurxo Souto — É a herança dos meus velhos, e de toda umha cultura, que me permite ter umha voz própria para ajudar a mudar o mundo.

C. — Somos galegos polo nosso idioma ou o nosso idioma é tal polo povo que somos? Achas que «o povo que esquece a sua língua é um povo morto»?

X. S. — Somos galegos polo nosso idioma e o nosso idioma é tal polo povo que somos. A língua é o argumento central da nossa identidade e, como se tem lembrado muitas vezes, a nossa maior criação colectiva.

O estado de desatenção e desleixo que actualmente sofre a língua galega é consequência directa da nossa história, e da situação de inferioridade a respeito do castelhano que manteve nos últimos séculos.

Subscribo, claro, essas palavras de Murguía, e também — levando a água ao meu rego —, aquelas outras de Ánxel Fole — cito de memória —:

“Se deixarmos de cantar em galego, a Galiza só serám quatro províncias mais de Espanha.

C. — Viajando agora para o reintegracionismo... Dixeste umha vez que os reintegracionistas som “pessoas com um profundo amor pola língua”. Continuas pensando-o? Por quê motivo?

X. S. — Sem tentar construir aqui umha épica vitimista-sentimental, vim ao longo dos anos como muitos reintegracionistas, por defendermos com coerência umha postura lingüística, fôrom condenados ao ostracismo. Cumpro ser mui generoso, abofé!, para que, por puro amor à língua, assumas que os teus trabalhos científicos ou a tua obra literária vam ficar, por sistema, à margem da vida oficial e da difusom maciça. E acho que umha sociedade, com umha língua ferida, nom pode permitir-se o luxo de renunciar ao esforço, às opiniões, à criatividade da gente que se significa especialmente polo amor e trabalho em prol da língua galega.

C. — Em programas como *Aberto por Reformas* a música de Portugal, do Brasil, de Angola ou Cabo Verde



Xurxo Souto numha homenagem a Manuel Maria

fluiu com total normalidade e em perfeita harmonia junto como a de autores galegos....

X. S. — Oficialmente serám tratadas como línguas distintas, mas as palavras servem para nos comunicarmos e para emocionar, e as palavras que nos chegam com o adobio da música de Brasil, Angola ou Cabo Verde, tocam-nos directamente neste território onde situamos as emoções mais íntimas: a da língua com a qual descobrimos o mundo./C